

Portugal, Áustria, Dinamarca, Inglaterra para variar, e mais uma vez Portugal – 2015

Quando eu recebi um dinheiro não esperado de uma ação trabalhista antiga eu falei para Sandrinha que da próxima vez que fossemos visitar o nosso filho Erik que vive em Londres, daríamos uma passada por Viena (Áustria) e Copenhague (Dinamarca). Não preciso mais citar Portugal, pois todas as vezes que vamos para Inglaterra, desde que o Erik se mudou para Londres em 2005, damos uma passada, as vezes ligeira, outras vezes mais demorada, mas nunca o suficiente, por Lisboa e arredores. Trata-se de um vício.

Lisboa

Partimos, como sempre, num voo da TAP rumo a Lisboa. Na viagem tive a oportunidade de ver um filme que há muito queria ver, chamado Pelo Malo, feito na Venezuela e passado em Caracas. Por sinal, muito bom, apesar dos recursos cinematográficos escassos, talvez devidos a situação difícil por que passa o país. Eu tenho muita dificuldade em dormir em cadeiras de aviões, principalmente nas da TAP, que mais parecem latas de sardinha portuguesas, de tão apertados que são os espaços entre os assentos. A previsão de pouso seria às 5:30 horas da manhã no horário local, e às 4 horas os comissários começaram a servir o café da manhã. Na cadeira da minha frente a moça perguntou se tinha suco de laranja e levou um fora da comissária:

- Não está vendo que eu já estou pegando o suco? – dito num carregado sotaque português.

Outro perguntou pelo leite.

- Não está vendo que já está na sua bandeja.

Eu pensei em perguntar alguma coisa, que já nem me lembro mais o que era, mas desisti para também não levar um fora. Até hoje não entendo essa maneira rude que os portugueses têm de responder às perguntas, mas com toda certeza, para eles, trata-se de uma forma natural de tratamento.

Familiarizados com o ótimo aeroporto de Lisboa, depois de tantas passagens por lá, resolvemos pegar o Metrô. No entanto, como era muito cedo, estava ainda fechado e só abriria às 6:30 horas. Neste momento, cometemos um erro e pegamos o primeiro táxi que encontramos, que na verdade era um tipo especial, e pagamos 23 euros pela corrida até o hotel, que deveria custar no máximo 15 euros.



Rua Augusta – Lisboa - Portugal

Deixamos as coisas no hotel e seguimos para caminhar pela rua e tomar um café da manhã. Pelo caminho a bota da Sandrinha, comprada em Gramado, não aguentou mais uma viagem e soltou a sola o que se tornou uma dificuldade para ela caminhar. No caminho descobrimos que o restaurante Quebra Mar, onde sempre comíamos um Bacalhau à Lagareira, tinha mudado de endereço, o que nos deixou tristes, mesmo porque o novo endereço era bastante distante do antigo local.

Sem nada o que fazer, já que conhecíamos tudo em Lisboa, resolvemos pegar um VLT para Belém, onde iríamos comer um tradicional pastel de natas ou pastel de Belém, tomar um café, e passear um pouco. Você tem que fazer o pagamento numa máquina com o trem andando e com pessoas atrás de você esperando, o que é um problema para turistas desavisados e sem experiência com esse procedimento. Por outro lado, ninguém fiscaliza se você pagou ou não, procedimento usual por toda Europa.

No retorno para Lisboa, tornamos a pegar o VLT, mas no meio do caminho o condutor avisou que aquele era um ponto terminal. Perguntei a uma senhora do que se tratava e ela disse que tínhamos que descer e pegar outro VLT, o que causou certo tumulto entre a maioria de turistas que estava dentro do veículo.

Em Lisboa resolvemos conhecer o Pavilhão Chinês, que fica no Bairro Alto. A ideia seria pegar o funicular que, numa viagem de 5 minutos, te leva para o Bairro Alto. Da última vez que usamos esse transporte ele custava 75 centavos de euro, e agora estava por 3 euros e 60 centavos, o que achamos muito caro, e como bons caminhantes resolvemos subir a ladeira a pé. Para nosso azar o Pavilhão Chinês só abriria às 6 horas e 30 minutos e ainda eram 4 horas da tarde.

O bom do Hotel Marques de Pombal é que você, para fazer qualquer coisa, precisa caminhar ladeira abaixo por 30 minutos e depois retornar ladeira a cima por um tempo equivalente. No jantar isso é bom, pois você acaba gastando algumas calorias acumuladas.

Fomos jantar no Restaurante Milano, na Rua Porta de Santo Antão, onde já tínhamos jantado de outras vezes. Dessa vez demos azar, pois o Bacalhau a Minhota estava muito ruim, cheio de espinhas e peles. Após o jantar fomos tomar a tradicional Ginja no Eduardino, que fica na mesma rua. Pagamos 1 euro e 35 centavos por uma dose que em tempos passados chegou a custar 90 centavos. A invasão turística que tem tomado Portugal, por ser um destino barato, realmente tem afetado os preços. No entanto, ir a Lisboa e não tomar uma Ginja está fora de cogitação.

Nós tínhamos comprado uma cola num supermercado e a sola da bota da Sandrinha tinha ficado no hotel colando.

No dia seguinte acordamos às 5 horas e pegamos um taxi na porta do hotel para o aeroporto e pagamos os tradicionais 15 euros. Enquanto esperava o embarque para Viena, eu fui ao banheiro masculino, que estava cheio de homens, mas tinha uma senhora tranquilamente fazendo a limpeza, sem que ela nem ninguém se importassem. Coisas de Portugal.

Viena

O aeroporto de Viena é talvez um dos mais bonitos que conheço. O do Rio de Janeiro deve ser um dos piores.

A moça do setor de informações nos explicou que para irmos para o nosso hotel poderíamos pegar o trem até uma determinada estação e depois pegar o metrô para a estação Pilgram já que o hotel ficava na Rua Schonbrunner com um trema no “o”. No trem encontramos um brasileiro chamado Guilherme e eu sentei ao lado de um austríaco muito simpático que conversando muito comigo foi dando todas as explicações que precisava para fazer a conexão com o metrô. Ele desceu numa estação anterior, mas lá de fora ficou lembrando que eu tinha que descer na estação seguinte. Pegamos o metrô em direção a tal estação indicada pela moça do setor de informações e finalmente descemos no local. Subimos uma escada carregando as malas e ao chegarmos à rua não

havia nem sinal do nosso hotel que se chamava La Prima Fashion. Entrei num hotel que havia bem em frente à estação e a moça mostrou como chegar à tal rua do nosso hotel.

O hotel La Prima Fashion é um prédio novo e bem arrumado, porém o quarto é muito pequeno, mais ou menos no padrão dos hotéis da rede Ibis. A Sandrinha notou que o secador de toalhas não estava funcionando. Enquanto ela descarregava as malas eu fui procurar uma moça da limpeza que estava no mesmo andar. O seu inglês era muito ruim, mas conseguimos nos entender e ela foi até o nosso quarto, avaliou o problema e falou que iria ligar para a manutenção. Poucos minutos depois apareceu um senhor que não falava inglês, mas apenas alemão. Fui chamar a moça outra vez para servir de tradutora. Ficou um diálogo estranho, pois a moça falava muito mal inglês e não conseguia traduzir tudo que o homem falava. A única coisa que consegui entender foi que ele repetia que era automático e pela tradução da moça que iria funcionar à noite. O aquecedor que normalmente usamos para secar nossas roupas lavadas, tais como cuecas e calcinhas, não funcionou nem de noite e nem hora nenhuma.

Quando você chega a uma cidade onde nunca foi, demora um pouco para você encontrar as direções certas e para onde ir. Pelo mapa que tínhamos em mãos e pelas orientações do rapaz da recepção do hotel, tomamos o rumo do Centro da cidade de Viena. No caminho para o nosso destino encontramos um mercado ao ar livre muito interessante, onde havia diversas barracas de comidas típicas e outras coisas. Achamos uma barraca onde eram vendidos diversos tipos de azeitonas, algumas que nunca tínhamos visto no Brasil. Decidimos comprar algumas azeitonas e seguimos comendo enquanto andávamos e acabamos, por coincidência, encontrando Guilherme, o brasileiro, que passou a nos acompanhar na nossa caminhada. Ele estava indo no dia seguinte de trem para a Croácia, Sérvia, Montenegro e Bósnia num passeio de mais de 20 dias pelos países que formavam a antiga Iugoslávia. Guilherme, que já conhecia Viena de outras viagens, nos levou por um passeio pelos principais pontos turísticos do centro da cidade, passando pelo principal deles que é o Teatro da Ópera de Viena (Staatsoper) e também a bela e longa rua de pedestres Karntner Strabe (com beta ao invés de B e trema no A).

A noite resolvemos jantar no tal mercado onde encontramos o Guilherme (Naschmarkt) e comemos um típico salsichão com uma boa cerveja austríaca. Saímos para passear após o jantar e passamos pelo Teatro da Ópera de Viena e notamos que do lado de fora tinha um telão que repetia a ópera que estava ocorrendo no seu interior. Ou seja, o povo que não poderia pagar os caros ingressos para assistir a ópera dentro do teatro podia ficar do lado de fora e ver Madame Butterfly de Puccini. Não sei se na parte interna estava cheia, mas do lado de fora muitas pessoas assistiam, a maioria sentada no chão, à bela ópera.

No café da manhã, na mesa ao lado da nossa estavam três árabes. Todos muitos sérios e de cara feia. Nem entre eles havia conversa. Após o café começaram a mexer nos seus celulares. De repente no celular de um deles soou uma risada muito alta, mas eles mantiveram a compostura e continuaram analisando com seriedade os seus celulares embora a risada continuasse. Depois foram todos fumar num espaço aberto que havia ao lado da recepção.

O nosso plano para o decorrer do dia era o que mais gostávamos nas nossas viagens, caminhar o dia inteiro meio sem rumo. Pelos nossos cálculos caminhávamos cerca de 20 quilômetros por dia. Quando retornamos ao Brasil e nos pesamos descobrimos surpresos que tínhamos emagrecido. Fomos para a rua de pedestres e seguimos em direção ao Rio Danúbio, pois eu não aceitava ir a Viena e não ver o famoso rio. No caminho de ida paramos para visitar a Igreja de São Estevão que durante a segunda guerra foi bombardeada e nas escadas da qual um tio do meu concunhado Fred morreu. Passamos pelo museu Albertina, Casa de Mozart, pela igreja onde está enterrada a imperatriz Sissi, cuja vida foi retratada em inúmeros filmes com Rommy Schneider que povoaram a minha infância. Passamos também pela bela igreja de São Carlos na Karls Platz (acho que Praça Carlos).



Foto tirada nos belos jardins do Castelo Shonbrunn

No jantar resolvemos comer, no restaurante Venezia na tal rua de pedestre, um típico prato de Viena chamado Wiener Schnitzel, cuja receita é tombada pelo governo e o nome só pode ser usado nos restaurantes se seguirem exatamente o que a norma oficial determina. Trata-se de um bife a milanesa,

de carne de vaca, franco ou peru, e o acompanhamento é sempre algum tipo de batata.

Depois do jantar voltamos ao Teatro da Ópera de Viena onde mais uma vez havia um telão mostrando ao vivo uma ópera de Tchaikovsky.

No domingo acordamos preparados para seguir os conselhos do nosso filho Igor e ir visitar o famoso castelo de Shonbrunn (com trema no O). Pegamos o metrô e descemos praticamente nas portas do palácio. Trata-se talvez de um dos palácios mais bonito que conheci nos 30 países que já visitei na minha vida de viajante. Os jardins são maravilhosos e tomam talvez a maior parte da sua visita. Surpresos, descobrimos que na árvore genealógica dos reis da Áustria apareciam os nomes da Imperatriz Leopoldina, que casou com Dom Pedro I, e da Maria Tereza, que casou com Dom Pedro II. Passamos um domingo maravilhoso extasiados com o belo castelo.

No retorno de metrô para o centro de Viena passamos mais uma vez pelo Teatro da Ópera onde uma aula de valsa aberta ao público ocorria.

Por tudo que vimos nesta nossa curta passagem por Viena eu e Sandrinha concluimos que esta cidade é comparada em beleza à Praga, na República Checa, talvez as mais belas que tivemos privilégio de visitar.

Copenhague

Quando estivemos em Santiago, no Chile, no início do ano, conhecemos um casal de dinamarqueses, Per e Lissi, com os quais estabelecemos uma amizade. Quando falamos que estávamos programando uma viagem para a Dinamarca eles se prontificaram a serem nossos guias por um dia. Trocamos e-mails durante os meses seguintes e acabamos acertando que eles nos pegariam no hotel numa manhã às 8:30 horas.

Acordamos às 4 horas da manhã em Viena, pois o taxi nos pegaria no hotel às 4:30 para nos levar para o aeroporto onde pegaríamos o voo para Copenhague através de uma companhia chamada Tyrolean Airways. O taxi nos custou 45 euros, já que a outra opção, o metrô, não estava aberto ainda neste horário.

Iriamos pegar este voo para Bruxelas, onde trocaríamos de avião e pegaríamos outro voo para Copenhague. O nosso portão de embarque era F26, mas no mesmo horário saía um voo direto no portão F36, ambos pela mesma companhia, a diferença era que um era direto e o outro era para Bruxelas, no caso o nosso. Sonolentos, acabamos nos confundindo e trocando de portão de embarque, e quando fomos embarcar o rapaz disse que estávamos no portão errado. Por pouco não perdemos o nosso voo para Bruxelas. No entanto, o voo atrasou muito e quando pousamos em Bruxelas, tivemos que sair correndo pelo aeroporto a procura do nosso portão de embarque. Quando lá chegamos eles estavam apenas esperando o nosso voo para fechar o avião e fomos os

últimos a embarcar. Tivemos que desfilarmos pelo avião com pessoas de caras feias nos olhando.

Quando pousamos no belo aeroporto Kastrup e fomos buscar as nossas malas elas não tinham vindo. O atraso em Viena e o tempo pequeno para a conexão em Bruxelas levaram a um extravio da nossa bagagem. No setor de registro de extravio de bagagens nós recebemos, com surpresa, um kit para sobreviver no primeiro dia, composto de uma camisa, pasta de dentes, escovas de dente, shampoo, etc. Atordoados e sem malas pegamos o metrô que nos deixou no Centro da pequena cidade de Copenhague. Na rua pedimos informações e um senhor nos indicou o caminho para o nosso hotel.

O hotel Neptun era muito melhor do que o La Prima Fashion de Viena embora no primeiro dia o vaso sanitário tenha se recusado a despachar o meu cocô, numa briga que durou vários minutos.

Quando você chega numa cidade onde nunca esteve e que fala uma língua completamente desconhecida, como o dinamarquês, você fica totalmente perdido e demoramos um pouco a nos localizar. Fazia um frio de 8 graus e não estávamos vestidos em condições para suportar, pois alguns dos nossos agasalhos estavam nas malas sumidas, já que em Viena o clima estava quente. O local onde ficam os principais restaurantes de Copenhague é um cais na beira de um canal (Nyvhaum) que por sorte estava a uma quadra do nosso hotel. Comemos uma salada e seguimos no nosso “pé tour”. Andando a esmo e perguntando informações às pessoas acabamos na linda e longa rua de pedestres que corta o centro de Copenhague (Rua Ostergade). Neste momento a bota de Sandrinha mais uma vez soltou a sua sola e tivemos que comprar um sapato para ela e procuramos um local para comprar uma cola para novamente colar a maldita sola.

No jantar, para não complicar, acabamos comendo um terrível Fish and Fries no tal cais num restaurante chamado Venezia e neste momento faziam 5 graus, para o nosso desespero com o quase verão dinamarquês. O bom foi que tomamos uma deliciosa cerveja local e que no Brasil é muito cara chamada Carlsberg.

Um registro muito interessante e que notamos tanto em Viena quanto em Copenhague foi o número de hélices geradoras de energia eólica, que descobrimos é muito importante em ambas as cidades.

Outra conclusão que cheguei depois de tanto viajar pelo mundo é que europeu não sabe fazer banheiro. O pior problema é a questão do chuveiro, pois como não são muito chegados a um banho diário, o chuveiro na maioria das vezes é uma pequena ducha que não dá para tirar nem o sabonete.

No dia seguinte, por volta das 11 horas da manhã, estávamos fazendo hora no hotel, quando recebemos a notícia de que as malas tinham chegado, o que nos deixou aliviado para seguir o nosso passeio.

Seguimos a pé pela cidade e visitamos um parque muito bonito onde estava um dos símbolos da cidade, uma pequena estátua chamada The Little Meirmaid. Caminhamos pela Round Tower, Royal Theatre, City Hall, Tivoli Parque, Palácio da Rainha, e outros pontos turísticos. O engraçado é que na maior parte dos restaurantes e cafés tem mesas nas calçadas, mas em todas tem cobertores para que os fregueses possam se proteger do frio. Ou seja, você mantém a moral e fica sentado do lado de fora, como se estivesse muito quente, mas cobre-se com um grosso cobertor. Outro registro importante foi o preço do café expresso em torno de 10 reais. À noite voltamos ao restaurante Venezia e resolvemos comer um prato italiano para não corrermos nenhum risco com as comidas dinamarquesas.

O número de bicicletas trafegando por Copenhague assim como por Viena é muito grande. Nessas cidades os ciclistas são bastante educados e são muito respeitados pelos motoristas.

No dia seguinte os nossos amigos Per e Lissi nos pegaram de carro às 8:30 horas no hotel para um passeio pelos arredores de Copenhague. O destino inicial foi o belo Castelo de Kronborg, a cerca de uma hora de viagem, local que foi usado como inspiração por Shakespeare para escrever a sua famosa peça Hamlet. Realmente trata-se de um local muito bonito e difícil de ser descrito nessas linhas. Em algum trecho no caminho Per nos mostrou uma estação de Ferryboat com barcos com destino à Suécia, que ficava numa distância equivalente a Rio e Niterói.



Eu, Sandrinha, Per e Lissi em frente ao Castelo de Kronborg que inspirou Shakespeare a escrever Hamlet.

Depois almoçamos sanduiches e fomos visitar a casa de verão da rainha e depois o museu das joias imperiais. Eles nos deixaram no hotel e ficaram de retornar às 18:30 horas para irmos jantar. Per já havia me escrito por e-mail que deveríamos ir a um restaurante do século 18, o mais antigo de Copenhague, onde comeríamos um tradicional prato local chamado Open Sandwich.

O Open Sandwich é composto por diversos tipos de pães que são colocados na mesa para serem comidos com os acompanhamentos e pastas que são servidos em pequenos pratos. O Per sugeriu que pedíssemos um menu degustação onde viriam diversos tipos de acompanhamentos. Para acompanhar o jantar, além da tradicional Carlsberg ele pediu um aguardente típico chamado Aquavit. Eu notei que o menu custava 210 mil coroas dinamarquesas cerca de 100 reais, só que pensei que seria um para todos nós.

Quando a garçonete trouxe o Open Sandwich eu entendi porque eu iria precisar tomar também o Aquavit que tem 40% de teor alcoólico. Um dos pratos era uma porção de arenque grosso e cru. Arenque já é ruim cozido imagine cru. O outro prato eram fatias muito gordas de carne de porco, daquelas com uma lapa de gordura em volta. Tinha também um bolo de carne de porco, uma maionese de galinha e para passar no pão um creme de gordura de porco. Eu comecei pelos queijos e a manteiga por onde pretendia ficar, mas Per, muito educadamente pegou um arenque para colocar no meu prato, eu disse também envergonhado que não gostava de peixe cru, ele então pegou uma gorda fatia de porco, que da mesma forma recusei. Per então chamou a garçonete e em dinamarquês fez um pedido. Pouco tempo depois ela trouxe uma farta porção de rosbife cru, que eu não tive como fugir e acabei comendo uma fatia. Sandrinha ficou com vergonha de recusar e acabou comendo toda a estranha refeição e no dia seguinte acabou passando mal.

Como eles tinham nos ciceroneado durante todo o dia, eu me achei na obrigação de pagar o jantar, que saiu em nossa moeda por 500 reais. Quem quiser se aventurar pela cozinha típica da Dinamarca eu aconselho a examinar com detalhes o cardápio. Neste restaurante tradicional não tinha nem café expresso pois não fazia parte da cultura da época antiga.

Londres

No dia seguinte acordamos 4 horas para que o taxi nos levasse para o aeroporto. Desistimos de pegar o metrô, pois a estação não era perto do hotel e caminhar de madrugada naquele frio de 4 graus não era uma boa ideia.

Não vou detalhar mais uma passagem por Londres, pois já fiz isso em diversas outras crônicas, pois desde que o meu filho Erik se mudou para essa cidade há dez anos, nós viajamos para lá pelo menos uma vez por ano. Desta forma não vou repetir sobre o que já falei anteriormente e realmente não vou cansar o pobre leitor com as mesmas narrativas.

Vou apenas lembrar para os interessados que no Aeroporto de Heathrow tem um trem expresso chamado Heathrow Express que faz a ligação direta com a Estação de Paddington onde você pode pegar o metrô ou até mesmo um taxi. Toda vez que vamos a Londres temos que jantar no The Real Greek nas margens do Tamisa e perto da ponte Millenium e almoçar no restaurante vegetariano chamado Tibits. Nesta passagem fomos também tomar um drink à noite num bar no topo do novo prédio chamado carinhosamente de Walkie Talkie Building onde desfrutamos uma linda vista noturna da cidade. Em outra viagem já tínhamos feito o mesmo do Shard. Fomos também no Arena O2 onde tinha uma exposição do Elvis Presley muito interessante com objetos, roupas, e um filme de cerca de 15 minutos onde apareciam em diversos momentos as roupas e objetos mostrados na exposição.

Desta vez retornamos ao National Gallery numa tarde que não tínhamos o que fazer e encontramos o museu, cuja entrada é gratuita, entulhado de turistas e visitantes, circulando pelos quadros de Renoir, Rembrandt e outros.

Outra visita obrigatória, e esta é uma exigência da Sandrinha, é a loja barateira de roupas chamada Primark e que fica na Oxford Street, aliás perto do restaurante Tibits.

Passamos pela Feira de Spitalfields na Estação do Metro de Liverpool. Depois fomos almoçar no Shopping Westfield onde eu pretendia voltar a loja da Speedo para comprar uma bermuda de natação, pois tinha estado lá durante as Olimpíadas de Londres em 2012.

No último dia almoçamos com amigos do Erik num restaurante muito bom chamado Strada.



Ao lado de um dos trajes de Elvis Presley e cumprindo o meu ritual de antigo fã no Arena O2

Como já tinha acontecido em outras viagens, principalmente nas recentes que fizemos ao Canadá e ao Chile, eu tinha reparado que casais gays femininos e masculinos andam pelas ruas de mãos dadas ou abraçados sem nenhum problema. Isso acontece também em Viena e Copenhague. No entanto, em Londres, no calçadão que margeia o Tamisa, numa hora muito movimentada, duas moças se beijavam e literalmente se agarravam, sem causar nenhuma surpresa aos que passavam.

Outro fato interessante, é que em Londres não existe fiação externa, é tudo embutido. Digo isso porque em Niterói, onde moro, é tanto fio pelos postes que muitas vezes não conseguimos ver as paisagens.

Lisboa de novo

Pegamos um taxi e fomos para a Estação de Paddington para tomar o Heathrow Express para o aeroporto. O trem sai mais ou menos a cada 20 minutos. Erik foi nos ajudar a colocar as malas dentro do trem e as portas

fecharam e o trem partiu. Coitado do Erik, teve que ir conosco para o aeroporto e voltar, além de pagar uma viagem de ida e volta. Se você comprar a passagem dentro do trem é muito mais caro, cerca de 40 libras (ida e volta) enquanto no aeroporto custa 27 libras.

Deixamos uma mala no guarda bagagens do Aeroporto de Lisboa e dessa vez pegamos o metrô em direção ao nosso hotel.

Lisboa também é outra cidade que já visitamos inúmeras vezes e não vou repetir o que já disse em outras crônicas. Como o nosso restaurante Quebra Mar estava fechado, pois se mudou para outro local distante, resolvemos jantar num restaurante próximo, onde já tínhamos estado há alguns anos, chamado Ribadouro, onde comemos um delicioso Camarão ao Brás. O conteúdo é o mesmo do famoso Bacalhau ao Brás.

No dia seguinte, enquanto fazíamos hora para ir para o aeroporto fomos a uma bela exposição do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. Na volta de exposição pegamos um VLT e tínhamos que fazer o pagamento numa máquina no interior do veículo. A minha nota de 5 euros não estava sendo aceita pela máquina e uma senhora pegou 5 euros da carteira dela e me deu para que eu tentasse com o dinheiro dela. Coisas de Portugal.

Quando chegamos no Rio de Janeiro, tivemos as surpresas que somente o Aeroporto do Galeão consegue nos reservar, o finger para o desembarque não conseguia encaixar na porta do avião, o que nos tomou talvez mais de 30 minutos.